

Danilo Gandin

PLANEJAMENTO

Como Prática Educativa



6


Edições Loyola



*“O conhecimento não seja um rio, reto e perigoso,
mas intrincada rede de córregos empapando a
terra que povoam.”*

TERCEIRA PARTE

A TEORIA E A PRÁTICA

A DINÂMICA DA AÇÃO-REFLEXÃO

PLANO COMO HIPÓTESE DE TRABALHO

DOIS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO

FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO

PLANEJAMENTO E EDUCAÇÃO LIBERTADORA

PARTICIPAÇÃO

TECNOCRACIA E PLANEJAMENTO

CONCLUSÃO

GAZD

A terceira parte do texto aprofunda a relação entre planejamento, teoria, prática e educação, destacando o papel do planejamento como um instrumento de transformação social e educativa. O autor apresenta uma visão dialética do planejamento, evidenciando que ele não deve ser tratado como um conjunto estático de diretrizes, mas como um processo vivo e dinâmico, enraizado em uma constante interação entre ação e reflexão.

A teoria e a prática

O planejamento é compreendido como um ponto de convergência entre a teoria e a prática. A teoria orienta o planejamento, fornecendo os fundamentos conceituais necessários para a formulação de ações coerentes, enquanto a prática realimenta a teoria, permitindo que ela se ajuste às demandas do contexto. Essa relação dialética é essencial para evitar que o planejamento seja reduzido a um tecnicismo vazio ou a uma improvisação desordenada. No entanto, o autor adverte que, sem reflexão teórica, a prática corre o risco de ser limitada, e, sem a aplicação prática, a teoria se torna abstrata e desconectada da realidade.

A dinâmica da ação-reflexão

O texto propõe a dinâmica da ação-reflexão como o núcleo do processo de planejamento. Planejar implica agir com base em um diagnóstico rigoroso e, em seguida, avaliar criticamente os resultados para ajustar as estratégias e ações futuras. Essa abordagem dialógica reforça a flexibilidade e a adaptabilidade do planejamento, permitindo que ele responda a mudanças contextuais e promova um aprendizado organizacional contínuo.

Plano como hipótese de trabalho

O autor enfatiza que o planejamento deve ser encarado como uma hipótese de trabalho, nunca como um modelo fechado ou definitivo. Essa visão confere ao planejamento uma abertura essencial, permitindo revisões constantes e adaptações diante de desafios e imprevistos. Essa abordagem reconhece que os contextos sociais e educacionais são dinâmicos e complexos, exigindo flexibilidade para que os planos permaneçam relevantes e eficazes.

Dois conceitos de educação

O texto contrasta dois paradigmas educacionais: a educação como reprodução social e a educação como prática libertadora. O primeiro perpetua desigualdades e estruturas de poder, enquanto o segundo busca a emancipação dos sujeitos e a transformação social.

Alinhado aos princípios da educação libertadora, o planejamento é apresentado como um instrumento que pode superar a reprodução das desigualdades, promovendo a inclusão, a justiça social e a formação de cidadãos críticos.

Funções da educação no planejamento

A educação é vista como um eixo central do planejamento, com funções socializadora, transformadora e emancipadora. Essas funções interagem diretamente com o planejamento, que deve potencializar a educação como um processo crítico, ético e voltado para a construção de uma sociedade mais equitativa. O autor sugere que, para que o planejamento cumpra esse papel, ele deve ser pautado por valores democráticos e humanistas.

Planejamento e educação libertadora

O autor posiciona o planejamento como um elemento fundamental da educação libertadora. Essa concepção de planejamento é orientada pela democratização do acesso ao conhecimento, pela participação ativa dos sujeitos e pela promoção de uma reflexão crítica sobre a realidade. Nesse sentido, o planejamento se torna uma prática pedagógica que visa romper com estruturas opressoras, fomentando a autonomia e a consciência crítica dos indivíduos.

A importância da participação

A participação é central para o sucesso do planejamento, sendo apresentada não apenas como um meio para alcançar objetivos, mas como um fim em si mesma. O envolvimento de diferentes atores no processo de planejamento enriquece a formulação dos planos e garante maior legitimidade e comprometimento na execução. A participação também promove a democratização do planejamento, assegurando que ele atenda às necessidades reais dos sujeitos envolvidos.

Tecnocracia e planejamento

Uma crítica contundente à tecnocracia é feita, ressaltando que o planejamento não pode ser reduzido a um exercício técnico e desumanizado. A tecnocracia exclui a participação dos sujeitos e privilegia resultados técnicos em detrimento do impacto social. O autor propõe uma abordagem humanista e democrática, que valorize o diálogo, a inclusão e os valores éticos, evitando que o planejamento se torne uma ferramenta de manutenção do status quo.

Conclusão

O autor conclui reafirmando a relevância do planejamento como um processo ético, político e pedagógico, que articula teoria e prática para promover a transformação social. O planejamento, quando bem conduzido, é um meio para organizar ações, democratizar processos e construir uma sociedade mais justa. Ele não é apenas uma ferramenta organizacional, mas um instrumento de emancipação e aprendizado coletivo.



Augusto, Daniele, Diego, Diogo, Gustavo e Vanuzia.
TEORIAS E PRÁTICAS DE ENSINO E APREDIZAGEM
Instituto Federal de Sergipe - 2024